



Viver a verdade na identidade: *elementos de Ontopsicologia aos jovens*

Bruno Fleck da Silva

Doutorando em Filosofia (UFSM), Docente na Antonio Meneghetti Faculdade
bruno.fleck@hotmail.com

Resumo: O presente ensaio teórico busca, a partir do método de revisão sistemática bibliográfica com abordagem qualitativa, afrontar a relação entre identidade e juventude a partir do viés ontopsicológico. A oferta informacional é um dos mais presentes desafios da juventude atual, o que centra a problemática da relação da identidade e da construção pessoal como um percurso desafiador. Partindo disso, o texto reflete a passagem da identificação para a autenticação por meio da individuação. A individuação se dá mediante o critério ético de viver a vida conforme a própria identidade. Nesse sentido, a Ciência Ontopsicológica constitui-se como referencial de formação pessoal para a juventude uma vez que aponta para a urgência metafísica no existencial a partir da historização da própria identidade ôntica.

Palavras-chave: Ontopsicologia; Ontologia; Juventude; Identidade

To live the truth in identity: elements of Ontopsychology to the young

Abstract: This theoretical essay seeks, from the method of systematic bibliographic review with a qualitative approach, to confront the relationship between identity and youth from an ontopsychological bias. The informational offer is one of the most present challenges of today's youth, which centers the problematic of the relationship of identity and personal construction as a challenging path. From this, the text reflects the passage from identification to authentication through individuation. Individuation takes place through the ethical criterion of living life according to one's own identity. In this sense, the Ontopsychological Science is constituted as a reference for personal formation for the youth, since it points to the metaphysical urgency in the existential from the historization of the ontic identity itself.

Keywords: Ontopsychology; Ontology; Youth; Identity

Vivir la verdad en la identidad: elementos de la Ontopsicología para los jóvenes

Resumen: Este ensayo teórico busca, desde el método de revisión bibliográfica sistemática con enfoque cualitativo, confrontar la relación entre identidad y juventud desde un sesgo ontopsicológico. La oferta informativa es uno de los desafíos más presentes de la juventud de hoy, que centra la problemática de la relación de identidad y construcción personal como un camino desafiante. A partir de esto, el texto refleja el paso de la identificación a la autentificación a través de la individucción. La individucción se da a través del criterio ético de vivir la vida según la propia identidad. En este sentido, la Ciencia Ontopsicológica se constituye como un referente para la formación personal de la juventud, ya que apunta a la urgencia metafísica en lo existencial desde la historización de la propia identidad ôntica.

Palabras clave: Ontopsicología; Ontología; Juventud; Identidad

1 Introdução

A Ontopsicologia, em seu proceder, visa à realização histórica do sujeito. Com isto, é necessário compreender, antes de tudo, que a Ontopsicologia é um saber elementar ao modo como o homem pode conhecer o próprio real identitário para então atuar a própria identidade em construção histórica, autóctise. Ou seja, dizer que ela volta-se à realização história do homem, portanto, ao seu modo de existir no tempo, não implica uma promessa construtiva longínqua, mas o ater-se ao manifestar-se, isto é, à evidência da identidade a cada evento histórico: realização.

Uma vez exposta esta premissa, é necessário reconhecer que a urgência do novo responsabiliza o discurso teórico a um compromisso formativo e, neste sentido, os elementos formativos da Ontopsicologia dizem respeito, de modo especial, aos jovens, à juventude. Este ensaio teórico-expositivo evidencia as temáticas: juventude; autenticidade e o binômio verdade/identidade. Desponta-se como objetivo geral apontar a relação entre juventude e autenticidade por meio da vivência existencial a partir da realidade ôntica do sujeito na efetuação como ato da própria verdade na identidade.

2 Juventude e Identidade

A autopercepção diante do mundo (Não-Eu) é o primeiro movimento interno que revela o próprio sujeito (Eu). Isto é, diante do mundo, seus desafios e modos de acontecer, o sujeito humano impacta a si mesmo enquanto ente histórico encarnado na existência e enquanto consciência (transcendental) que lê para si o mundo. Portanto, o viver é o ato de estar no mundo fazendo contínua síntese dele, isto é, produzindo sentido.

A fase da juventude uma etapa importante de constituição deste posicionamento diante do mundo. A

oferta informacional de modos existências, ideologias, estereótipos surge de modo extremamente visível nesta fase da vida, de modo que o posicionamento e, porque não, o desafio, será o de manter a integridade de si mesmo. Tornar-se pessoa, tornar-se sujeito para si e para mundo exige relativizar estas ofertas externas. De acordo com Meneghetti (2017, p. 11): “Se um jovem quer se tornar alguém e seguir adiante cada vez melhor, a primeira coisa a fazer é *posicionar com garantia a si mesmo em progresso*”.

A noção de posição merece atenção especial nesta assertiva. Inicialmente, rapidamente convém atentarmos à constituição da noção de *posição*. *Colocar, posição, pôr-se e posicionar* (a si mesmo), possuem a mesma raiz latina: *suppositum*¹. Ou seja, trata-se do substrato essencial em acontecimento dado. Ainda mais, trata-se de “Posicionar com garantia a si próprio” e colocar na lógica da existência a própria dimensão essencial, ôntica, isto é, a própria identidade. Esta mesma raiz, o substrato próprio, permite compreender a constituição de *perseidade*, de *pessoa*.

A primeira tarefa do autopôr-se com garantia a si mesmo para o jovem é adquirir o que Antonio Meneghetti (2017) definiu por *autonomia psicológica*. Trata-se de estar presente em si mesmo. Tudo aquilo que denomina-se “psicológico” diz respeito ao modo interno do sujeito que joga com a sua identidade e com o mundo. A autonomia psicológica, a autopresença constante é a garantia de manter intacta a própria identidade ôntica e o próprio modo vivenciar o mundo internamente, isto é, na sua autonomia psicológica. Portanto, reversibilidade entre sujeito e mundo.

Para o fundador da Ontopsicologia, “O Em Si ôntico não tem ideologia”

¹ Cf. Dizionario Etimologico – “Porre”. Disponível em: <https://www.etimo.it/?term=porre&find=Cerca>.

(MENEGETTI, 2017, p. 13). Desse modo, a construção e a manutenção do próprio existir no mundo, exige que o autopor-se do jovem seja sempre alimentado pela própria identidade e não por elemento heterogêneos, por modismos, estereótipos e *doxas* societárias, ideologias. A dimensão ôntica do próprio sujeito é um “espaço” intacto, é o núcleo informante do que lhe é próprio, portanto, jamais encontra-se externamente. Portanto, como atesta o legado agostiniano “in interiore homine habitat veritas”; é sempre a partir do próprio íntimo que a verdade se faz identidade para projetar qualquer ação histórica no mundo.

A partir do quanto exposto o que se reforça é a necessidade da autonomia no próprio modo de pensar e viver (autonomia psicológica) diante do mundo. De outro, modo, trata-se de “(...) permanecer íntegros na própria subjetividade em fidelidade ao próprio Em Si ôntico” (MENEGETTI, 2019, p. 120). É sempre mantendo-se fiel ao que se evidencia como próprio que o jovem desponta-se no mundo histórico como um evento irrepetível, unívoco.

Nesse sentido, é que a Ontopsicologia enquanto dimensão formativa a partir do ôntico, ou Pedagogia Ontopsicológica, ajuda a evolução do jovem no escopo de ser “(...) atuação do indivíduo como personologia do ser” (MENEGETTI, 2010, p. 415), o que reforça a contínua necessidade de aproximação da própria identidade existencial (MENEGETTI, 2019).

Portanto, a identidade é o modo específico do sujeito, entendido como ente, participação finita, um acontecimento do Ser, feito história, pessoa e concretude de vida. A Ontopsicologia aponta para este acontecimento: cada pessoa é una em si mesma e com/no Ser. Disto resulta que existe um projeto, simples, fundamental a cada existente. A compreensão e vivência

da própria identidade requer “(...) atualizar constantemente a si mesmo” (MENEGETTI, 2017, p. 13). Isto é, o contínuo movimento da vida, as mudanças históricas e situacionais, lançam o jovem no grande desafio de manter-se no que lhe é próprio. Por mais que as mudanças aconteçam, cada sujeito humano pode reconhecer aquilo que permanece intacto: sua identidade enquanto ato personológico irrepetível.

2.1 Critério ético: viver a própria vida

Uma das dimensões essenciais da compreensão filosófica do ser humano é a ética. A palavra ética, deriva do grego *ethós*, significa: a morada do ser (MORA, 2000). Ainda mais, pode ser entendida como o modo próprio de existir de uma pessoa, de uma comunidade, de um povo, haja vista que o *ethós* de um povo é considerado o seu fundamento cultural.

A Ontopsicologia, por sua vez, ao adentrar no argumento ético o faz a partir da Filosofia Perene, elementar e fundamental, donde a problemática ética ou moral desemboca na questão: *o que fazer?* A ação humana tem sentido quando é reversível ao próprio ser da pessoa. De outro modo, pode-se dizer que a pergunta: “*o que fazer?*” só pode ser respondida através da questão: “*o que é?*” ou ainda: “*quem sou?*” – Portanto, ética ontológica.

Uma vez aberta a estrutura filosófica da questão, de modo mais incisivo, ao jovem cabe responder: *que vida desejo viver, a minha ou a dos outros?* Como exposto, a autonomia psicológica a partir da evidência da própria identidade é a orientação para uma resposta, que de modo ético implica na *decisão*.

Conforme mencionado na abertura do texto, o contexto atual com tantas “ofertas” existenciais coloca o jovem num espaço de ansiedade acerca do próprio decidir perante o mundo. A esfera das incertezas alcança as ações já

decididas, onde a problemática do erro existencial é constata. Acerca disso expõe Meneghetti:

Uma experiência constante que noto é a maioria dos jovens e dos adultos que vivem uma outra vida, isto é, não a própria vida, mas aquela dos outros. Vivem uma vida-multidão, uma vida-povo, uma vida-confusão, uma vida de praça, uma vida de ônibus ou de trem. (...) O sujeito não existe (MENEGETTI, 2019, p. 12).

Com isso evidencia-se o ponto nodal da problemática existencial na juventude: conhecer-se para viver uma vida autêntica. Para que a vida não seja uma experiência heterogênea, mas própria, na contínua novidade do próprio ato existencial, para que a irrepetibilidade da alma se concretiza pessoal, sujeito histórico. Então é necessário adentrar ao tema da *decisão* para que se possa compreender o *critério*.

Uma vez que o desafio é decidir sobre aquilo que deve ser feito, a dificuldade está na *liberdade*. Cada homem é livre para decidir e fazer o que deseja. Entretanto, do problema da liberdade ou livre-arbítrio, se revela uma dimensão antagônica: o determinado. Ou seja, em cada indivíduo há, contemporaneamente a liberdade e o determinismo. A liberdade está na decisão sobre qual vida seguir, viver. Mas o elemento da determinação está na raiz fundante do próprio sujeito.

Assim, há uma primeira e essencial determinação, aquela que condicionada pela própria ordem interior do homem, a sua natureza identitária, o seu Em Si ôntico (MENEGETTI, 2017, p. 56). Portanto, a problemática da decisão se resolve pela evidência do critério determinístico do sujeito (Em Si ôntico) a direcionar a decisão existencial a ser tomada.

Neste sentido, viver a própria vida é o ato decisional contínuo do jovem que tem como critério, como medida, a

própria identidade, o próprio Em Si. A existência, enquanto dimensão histórica e concreta de um ente implica a contínua decisão. A responsabilidade é a herdeira da liberdade, conforme salienta Meneghetti (2019, p. 13): “(...) quando se fala um “problema existencial”, é o problema no qual o sujeito está investido totalmente: ele chora, ele sofre, ele ganha, ele perde. Isto é, não são os outros”. Portanto, a existência implica sempre a decisão histórica de “ser ou não ser”.

Uma vez que a “problemática existencial” se dá pela liberdade decisional de ser ou não ser, isto não implica em ver a existência ou o homem como esfera problemática. Ao contrário, esta é uma questão que se apresenta, porque antes há a já implícita a solução: a identidade. Convém considerar que “(...) a pesquisa da Ontopsicologia parte do homem como Em Si ôntico, de um fato ótimo, porque assim é a criação” (MENEGETTI, 2010, p. 454). Ou seja, essencialmente a vida é sempre realização, vitória e felicidade.

A juventude é a dimensão histórica das importantes e substanciais decisões, que uma vez cumpridas desencadearão felicidade ou infelicidade, ser ou não-ser. A existência como ato imediato do indivíduo é a manifestação de suas inúmeras possibilidades. Cada qual exerce a própria vida como acontecimento único. Portanto, a decisão deve ser sempre medida pelo critério ontológico, pela própria identidade, isto é: *é próprio ou não é próprio ao sujeito?*

Uma vez que a atitude de colocar-se em escuta da própria identidade é um critério usado constantemente, então as decisões podem ser escolhidas na segurança de um resultado útil e funcional à própria identidade. A realização da própria identidade não é um ato espiritual, uma realização mística ou metafísica, mas se dá sempre por meio da concretude histórica do sujeito. Isto é,

“(…) o homem se consumo e é na existência que é” (MENEGETTI, 2019, p. 13).

Assim sendo, o compromisso ético do jovem é o de decidir conforme aquilo que é. As escolhas e opções de ação no plano existencial devem ser entendidas como modo de ampliação da própria natureza ôntica, da própria identidade a partir da história. O critério para decidir é sempre a própria medida de natureza, o próprio Em Si ôntico.

Cada sujeito enquanto ente histórico nasce em contexto bastante preciso: cultural, nação, país, tradição, família, genitores, escola, bairro, cidade. O desafio é, portanto, sempre medir a partir da própria verdade, do próprio Em Si ôntico. Estas esferas estruturam a verdade heterogênea, que nos certifica no real social. Porém, o homem é sempre um outro mundo, o primeiro mundo, o primeiro plano. Da respectiva verdade do próprio “Eu sou”, cada sujeito é chamado à medir o real com esta verdade, a pensar o real com esta verdade, a viver a própria vida com esta verdade.

Caso o compromisso com a própria verdade seja postergado, a existência será a continuidade de acontecimentos desastrosos. De outro modo, compreende-se que “(…) Quando a historicidade do nosso existir não é exata, a contradição adverte-se no inconsciente e, depois, externa-se na superfície como removido, neurose, psicopatia” (MENEGETTI, 2014, p. 158). Nesse sentido, o caminho da verdade é o da via construtiva de um eu autêntico.

2.3 Identidade, Autenticação e Individuação

Toda a teoria e a aplicação ontopsicológica fazem sentido somente quando a *decisão* pela própria verdade ôntica é prioridade no desenvolvimento existencial. De outro modo, “(…) não se pode compreender a Ontopsicologia se

primeiro não se coloca em conformidade com a natureza objetiva ôntica” (MENEGETTI, 2019, p. 18). Com isto, infere-se que o escopo de um discurso ontopsicológico à juventude, é o chamado à vivência radical da própria identidade em meio a pluralidade do mundo. Um chamado à viver a própria individuação de modo autêntico.

Antes de atestar a própria *identidade* o sujeito humano cresce a partir da *identificação/projeção*. Disso infere-se ser quase que natural um crescimento em base heterogênea, seja pelo próprio modo de desenvolvimento da personalidade, seja pelos modos de criação, instrução e educação. Identificação é assim definida por Meneghetti: “Por “identificação” entendo uma projeção de mim mesmo em uma alteridade pessoal que aceito como símbolo de valor. Eu, para ser perfeito aceito, proponho-me o símbolo de uma outra pessoa e busco adequar a mim mesmo aquela alteridade” (MENEGETTI, 2014, p. 155).

Naturalmente, este processo decorre da necessidade de nutrimento físico, afeto, em infante idade, mas que com o passar do tempo transfere-se a outras instâncias. Na adolescência, por exemplo, são as amizades de grupo (MENEGETTI, 2014) que assumem a função referencial. Assim, as atitudes, comportamentos e modos de pensamento procedem desta fonte heterogênea e, mais do que isso, firma-se a necessidade de que todos (do grupo) tenham o mesmo ponto de vista, o mesmo modo de pensar, vestir-se, agir etc. Além do grupo de amigos, os chamados “ídolos”; os modelos reconhecidos a nível mais amplo, o ator, o cantor, são os sujeitos da identificação. Decorre disso a diminuição do próprio eu autêntico e a construção de eu fictício. A autenticação não é vivida, ou de modo mais grave, confunde-se o eu com o outro, ao passo que no findar da identificação externa resta a ausência de sentido.

Por outro lado, se a juventude é vivida nestes riscos, é reconhecível que seja o período de inquietude próprio para uma impostação de excelência diante da vida. A busca por segurança que acompanha, de modo tão evidente a fase da juventude, deve ser constantemente voltada à autenticação do próprio eu e do próprio modo de existir.

Implícito à necessidade de autenticação está a natureza humana que tende ao conhecimento de si. O fato é que a partir desta leitura, primeiro estrutura o social e depois o sujeito. Primeiro há um eu heterodoxo, que posteriormente, mediante a mudança de mente, metanoia, tende ao original de si próprio. Para Meneghetti (2014, p. 159):

Cada um de nós encontra-se a saber si mesmo depois dos outros. É constricto, então, a procurar o ponto estrutural que dá verdade depois da mãe, do pai, dos irmãos, da escola, da Igreja, da situação política, comercial, econômica, científica, cultural, ideológica e complexual.

A autenticação se dá, inicialmente, pela delimitação distintiva destas duas esferas: eu e o mundo, eu e a sociedade, que de início, nem mesmo é nítida pelo jovem imerso na *doxa*. Ou seja, vive-se o alheio como se fosse o próprio de si mesmo. A sociedade de modo geral é a grande esfera a reunir esta dimensão externa, alheia, os outros, isto é, o cada um diverso, mas também a massa, o social. A estruturação do próprio eu (que em certa medida está em construção) se dá por determinação heterodoxa.

Ainda para que se compreenda o que é a identificação, um bom exercício análogo é a distinção entre “chip” e “célula”. Com bem salienta Meneghetti (2014), a célula é uma unidade própria da vida, síncrona à própria vida, faz parte do holístico dinâmico que a intenciona. Por sua vez, o chip é algo heterogêneo, que

não é próprio da vida e do sujeito, mas algo que se formaliza a partir do externo de modo coordenado. A identificação é o modelo “chip”, enquanto a autenticação ou a existência autêntica é análoga à célula, isto é, identidade intencionada constantemente pela vida.

O processo de autenticação, por sua vez, passa não pela anulação ou negação desta influência de caráter heterodoxo, mas sim, por reconhecer o seu limite, presença e então, diferença, do próprio de si mesmo. De início, a construção feita a partir do externo é a base inicial de autopercepção do jovem, uma vez que “(...) tudo isso determinou as únicas memórias de acesso até que cada um de nós possa pensar, de qualquer modo, em referimento a si próprio e aos outros” (MENEGETTI, 2014, p. 160).

Uma vez que se reconhece esta presença heterodoxa, o período da juventude é o momento histórico que permite, ainda em um tempo histórico inicial, neutralizá-la. É importante, desse modo, que o jovem possa já construir uma consciência que seja reversível à sua identidade, que não faça identificação, mas que seja especularização da própria intencionalidade ôntica que constantemente reforça a sua novidade, a sua pessoa, única, portanto, autenticação.

Autenticação, do grego: *αὐτός ἐν τῷ ἑαυτῷ ὡς*, significa colocar-se igual à ação a qual se é (MENEGETTI, 2012). Isto é, toda a ação histórica, a estruturação da vida no seu cotidiano, no modo de pensar, de vestir, de agir, de trabalhar, deve ser reversível à própria identidade. Para o fundador da Ontopsicologia, “(...) cada um de nós deve recuperar o próprio Eu apriorístico, aquele momento autêntico que está antes do pai, da mãe, da família e de qualquer condição da paradoxia heterossocietária” (MENEGETTI, 2014, p. 162). Assim, o apelo ontopsicológico à juventude, é a do valor próprio de cada indivíduo jovem

em acontecimento histórico em sua respectiva ação na vida.

A autenticação permite um “retorno” à vida social a partir da dialética social, porém, mantendo intacto do próprio de si mesmo. Toda verdadeira vida é sempre a experiência de encontro e de partilha com os outros. Um jovem autenticado não se exclui do social, ao contrário é referencia no meio do social. Também a autenticação é um processo de relação. O jovem constrói-se junto aos outros, mas na fidelidade do próprio projeto existencial, do próprio chama que o Ser faz para que seja singularidade no existir concreto da história.

A passagem da identificação à autenticação como processo resulta na vivência da própria individuação. Aqui o jovem adentra à esfera “sagrada” do próprio eu, que não é mais o conjunto de opiniões externas, mas sim a novidade de si mesmo em ação. Tento em vista que: “Cada momento, na sua sucessão, inventa-se, inova-se, fenomeniza-se sempre com originalidade perene” (*Idem*, p. 163), a individuação será a posição essente e existente, de ser e de existência no mundo-da-vida.

Decidir pelo mundo-da-vida significa a ação inteligente do jovem que coloca a si próprio como ponto referencial e critério de autêntica felicidade e realização. De modo figurativo, ele próprio faz o mundo. O jovem autêntico é aquele que vive a plenitude da alegria de existir com sendo único e responsável pela própria estética da vida. Natureza, vida concreta e sujeito histórico são então uma unidade ecceica. A decisão que resultará na escolha de viver a própria vida, permite ao jovem, ainda na fase construtiva da vida, realizar uma história singular e de realização. Conforme atesta Meneghetti (*Idem*, p. 164): “A vida, no interior de cada individuação, apela-se única, originária e com volição vencedora: em cada individuação, a vida especificada quer a

si mesma”. Portanto, a opção existencial pela própria individuação de modo realizador cumpre conformar-se ao próprio escopo teleológico da vida: a felicidade. É impossível ser feliz se não a partir de si próprio.

3 Considerações Finais

A teoria ontopsicológica enquanto um discurso funcional ao jovem exprime-se como um apelo à verdade através da identidade. A problemática existencial nos anos da juventude resulta por vezes conflituosa. O descobrimento do mundo e a ansiedade por ainda ser ou não-ser são somadas às inúmeras propostas ofertadas que resultam na angústia. Do mesmo modo, a juventude é também a idade de ouro para o pleno desenvolvimento da autenticidade na condução de uma vida de excelência, valor e realização.

A imposição heterodoxa de estilos de vida e o excessivo movimento informacional são constituintes de estereotipias bastante identificáveis na juventude. Assim sendo, o movimento de superação deste movimento não natural da vida é o reforço ao compromisso autêntico com a própria vida. O que na estrutura inicial da personalidade psíquica se apresenta como a díade mãe-filho, no contexto da juventude é individuação-socialização (MENEGETTI, 2014). A construção de um modo de pensamento especular à identidade permite distinguir estas esferas e evidenciar a novidade da vida escrita pelo Ser em cada individuação.

A ação histórica deve ser sempre pauta pela constante atitude de autopoietica, isto é, de atestação da singularidade ôntica na realização histórica como criação. A prospectiva aqui exposta não limita-se à juventude, mas estende-se ao mover de toda individuação na regeneração do *iuventus* agir da *pueris* alma. A autenticação pessoal cumpre assim também um serviço à sociedade em

geral. Individuações autorrealizados fazem acontecer em contínua semovência o chamado ôntico da vida. Na medida que o indivíduo é realizado, a sociedade é salva-guarda em estrutura, funcionalidade e paz. A juventude desponta como o momento histórico propício à estruturação deste objetivo: saber-se único em meio ao múltiplo visando a função vida para todos.

Referências

- Dizionario Etimologico.** Disponível em: Dizionario Etimologico – “Porre”. Disponível em: <https://www.etimo.it/?term=porre&find=> Cerca. Acesso em: 27/08/2020.
- MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.
- MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.
- MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica.** 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.
- MENEGHETTI, Antonio. **Jovens e Realidade Cotidiana.** Coleção Antonio Meneghetti sobre... Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.
- MENEGHETTI, Antonio. **Falando aos Jovens I.** Coleção Antonio Meneghetti sobre... Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.
- MENEGHETTI, Antonio. **Falando aos Jovens II.** Coleção Antonio Meneghetti sobre... Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.
- MORA, José. F. **Dicionário de Filosofia.** Tradução de Maria Stela Gonçalves et al. São Paulo: Loyola, 2000.